

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO  
Curso de Pedagogia

**VITÓRIA CAROLINE ACIARDI**

**A CONCEPÇÃO DE ALUNO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO  
CULTURAL**

Itatiba  
2020

**VITÓRIA CAROLINE ACIARDI- RA: 002201700436**

## **A CONCEPÇÃO DE ALUNO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL**

Trabalho de pesquisa apresentado à disciplina Pesquisa em Educação e Trabalho de Conclusão de Curso, do 8º semestre do curso de Pedagogia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luzia Bueno, como exigência parcial para obtenção de média semestral.

Itatiba  
2020

# EPÍGRAFE

“Ninguém é só uma ilha. Para crescer, aprender construir conhecimento e se construir sozinho, o ser humano precisa dos outros”.

**Lev Vygotsky**

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, em especial a minha mãe Vanessa Cristiane Guido Aciardi, por sempre me motivar a continuar, sem ela essa graduação não seria possível.

Aos docentes desta universidade, que oportunizaram a janela em que hoje vislumbro um horizonte superior.

A minha orientadora em especial, Luzia Bueno, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. Às minhas colegas de sala, por ter paciência comigo em todos os momentos, por me ajudar em muitas atividades, me ver chorar, me amparar, e acima de tudo me amar, são elas, Bianca Delforno, Gabriela Bentivoglio, Isabella Ferraz, Isabela Tragoni, Isabelle Casela e Thais Rejane.

A uma pessoa em especial que esteve comigo grande parte desta trajetória, me orientando, consolando, e dando apoio emocional, afetivo e intelectual.

## RESUMO

O trabalho científico, “A concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural”, tem como objetivo investigar a concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural a través de autores vygotskynianos. Esta revisão bibliográfica é destinada a servir como subsídio na formação de futuros professores ou docentes que estejam lecionando, para que assim compreendam o desenvolvimento dos alunos, entendendo suas necessidades e funcionamentos através da abordagem histórico cultural, promovendo assim um ambiente de empatia, e respeito mútuo, no qual ajudarão na compreensão de uma postura profissional de qualidade. Para alcançar os objetivos descritos, este estudo tem como questão norteadora: Qual a concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural? Para isso, nesta monografia, traremos a biografia de Lev Semyonovich Vygotsky, suas ideias principais e o desenvolvimento humano. Em um outro momento, abordaremos os instrumentos psicológicos no desenvolvimento humano e o papel da escola e do professor, e por fim o papel do aluno na perspectiva histórico-cultural.

Palavras-chaves: Perspectiva histórico-cultural. Vigotski. Papel do Aluno.

## **ABSTRACT**

This scientific work, “The conception of a student in the historical-cultural perspective”, aims to investigate and analyze in depth about the conception of a student in the historical-cultural perspective through vygotskynian authors. This bibliographic review is intended to serve as a subsidy in the training of future teachers or teachers who are teaching, so that they understand the development of students, understanding their needs and functioning through the historical-cultural approach, thus promoting an environment of empathy, and respect mutual understanding, in which they will help to understand a quality professional posture. To achieve the described objectives, this study will guide from a question: What is the student's conception in the historical cultural perspective? In this monograph we will bring the bibliography of Lev Semyonovich Vygotsky, the author who gives subsidy to this monograph, its main ideas and the human development. In another moment, we will address the psychological instruments in human development and the role of the school and the teacher, and finally the role of the student in the historical-cultural perspective.

Keywords: Historical-cultural perspective. Vygotsky. Student Role.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 CAPÍTULO I</b> .....	8
2.1 Metodologia.....	8
2.2 Contextualização .....	8
2.3 Estado da arte .....	8
2.4 Textos selecionados para análise e discussão.....	12
<b>3 CAPÍTULO II</b> .....	13
3.1 A perspectiva histórico-cultural.....	13
3.2 A perspectiva histórico-cultural.....	13
3.3 As ideias principais dessa perspectiva e o desenvolvimento humano .....	15
<b>4 CAPÍTULO III</b> .....	17
4.1 A escola na perspectiva histórico-cultural.....	17
4.2 Os instrumentos psicológicos no desenvolvimento humano.....	17
4.3 O papel da escola e do professor.....	19
<b>5 CAPÍTULO IV</b> .....	24
5.1 O papel do aluno na perspectiva histórico-cultural.....	24
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	31

# 1 INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema “*A concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural*” deve-se a dois aspectos chaves. Um deles foi percebido através de uma sondagem informal com professores conhecidos. Tal sondagem mostrou que muitos professores que lecionam há anos desconhecem a perspectiva histórico-cultural, e grande parte destes não busca aperfeiçoamento profissional, na tentativa de compreender as novas metodologias, didáticas, teorias que se passam na atualidade.

Outro aspecto que nos faz ter a necessidade de compreendermos a fundo a perspectiva histórico-cultural, se dá pelo fato de que apesar da duração do curso de pedagogia, muitos assuntos trabalhados em sala de aula, não são enraizados por nós estudantes, visto isso, para aprimoramento e auto conhecimento sobre a perspectiva histórico-cultural, a busca sobre o tema torna-se de suma relevância em minha profissão.

Pensando nisso, investigar a concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural através de autores vygotskynianos, pode servir como subsídios tanto à minha quanto à formação de futuros professores ou docentes que estejam lecionando, para que assim compreendam o desenvolvimento dos alunos, entendendo suas necessidades e funcionamentos através da abordagem histórico-cultural, promovendo assim um ambiente de empatia e respeito. Tendo em vista a compreensão sobre o aluno na perspectiva histórico-cultural, levará os profissionais da educação adquirir atenção sobre a importância da cultura, da linguagem e das relações sociais que cercam os alunos. Tal conhecimento sobre a concepção de Vygotsky, trará subsídios para a atuação dos professores em sala de aula, atuando com conscientização e exercendo seu trabalho com maestria.

Para alcançar os objetivos descritos, este estudo irá se nortear a partir de uma questão: Qual a concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural? Para apresentar os resultados de nossa investigação, organizamos o nosso texto em 5 capítulos. No primeiro, apresentaremos a metodologia de nossa pesquisa e a contextualização do trabalho acadêmico desenvolvido. No segundo, a perspectiva histórico cultural, a bibliografia de Lev Semyonovich Vygotsky, e as ideias principais dessa perspectiva e de como é visto o desenvolvimento humana nesta teoria. No terceiro, a escola na perspectiva histórico-cultural, os instrumentos psicológicos no desenvolvimento humano, a formação de conceitos e os instrumentos psicológicos e o papel da escola e do professor. No quarto, o papel do aluno na perspectiva histórico-cultural, o papel do aluno em outras perspectivas e o papel do aluno nesta perspectiva histórico-cultural,. Por fim, as considerações finais.



## 2 CAPÍTULO I

### 2.1 Metodologia

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia de nossa pesquisa, percorrendo a contextualização do trabalho realizado, o estado da arte e os textos selecionados para análise.

### 2.2 Contextualização

Este estudo tem como objetivo realizar uma investigação bibliográfica sobre a concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural, através de autores vygotskynianos. Para isso, foram realizadas duas ações: a primeira foi realizada um estado da arte sobre o tema; a segunda foi realizar uma análise de obras de Vygotsky, bem como de autores vygotskynianos.

### 2.3 Estado da arte

O estado da arte se deu a partir de pesquisas realizadas em plataformas acadêmicas, como CAPES, ANPED e Scielo. A fim de analisar as pesquisas de acordo com a tema teórico “histórico-cultural”, o percurso desta análise passou pelas palavras chave “Histórico-cultural” e Vygotsky. Abaixo será possível ilustrar as considerações feitas em cada ambiente acadêmico. Nesta tabela I, revela-se quantidade de artigos encontrados de acordo com os anos estipulados.

Tabela I – Quantidade de artigos na CAPES

Ano:	Quantidade de artigos:
2013	248
2014	288
2017	332
2015	337
2016	370

Fonte: autoria própria, 2020.

Os dados acima foram coletados no portal CAPES, a palavra-chave que norteou a apuração dos resultados foi o nome do autor “Vygotsy”. Analisando os dados, percebe-se que, a partir dos anos 2017, pode-se afirmar um aumento na produção de artigos sobre os conceitos Vygotskynianos.

Em contraste deste levantamento, temos também a apuração do levantamento feito pela plataforma CAPES das palavras chaves “O aluno”. É possível notar que, ao estreitar os possíveis temas relacionados com o título a ser abordado neste trabalho acadêmico, “A concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural”. Usando assim a palavra chave “O aluno”, vemos a falta significativa de trabalhos sobre o tema. Nota-se que, no decorrer dos anos, houve diminuição na produção de trabalhos acadêmicos registrados na plataforma CAPES. A tabela abaixo ilustra os dados recolhidos.

Tabela II – Quantidade de artigos das palavras chaves , plataforma CAPES.

<b>Ano:</b>	<b>Quantidade de Artigo:</b>
2014	4
2015	4
2016	1
2017	2
2018	0

Fonte: autoria própria, 2020.

### **Biografia de Lev Vygotsky**

Lev Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo bielo-russo que realizou diversas pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e do papel preponderante das relações sociais, diz Frazão (2017). O estudo da obra percorreu a área da psicologia. A próxima tabela mostra os dados coletados em uma pesquisa acadêmica feita na plataforma

ANPED, uma vez que o autor norteador deste trabalho acadêmico traz sua teoria fundada na área da psicologia escolar, a busca no portal se deu a partir dos trabalhos GT20 das Reuniões Nacionais da ANPED. Abaixo os resultados encontrados, a apuração destes dados coletados aconteceu com um olhar buscando a familiarização do tema, aspecto Histórico-cultural.

Tabela II – Quantidade artigos GT 20, na ANPED.

<b>Reuniões Nacionais ANPED</b>	<b>GT</b>	<b>Nº Artigos:</b>
34 <sup>a</sup>	20	2
35 <sup>a</sup>	20	0
36 <sup>a</sup>	20	1
37 <sup>a</sup>	20	2
38 <sup>a</sup>	20	0

Fonte: autoria própria, 2020.

Uma vez que o presente estudo acadêmico tem o objetivo de servir de auxílio no campo acadêmico para fins educacionais na formação de professores, a pesquisa percorreu as últimas cinco reuniões nacionais da ANPED, permeando GT08 - Formação de Professores. A tabela abaixo exemplifica os resultados obtidos.

Tabela IV – Quantidade de artigos GT08, na ANPED.

<b>Reuniões Nacionais ANPED</b>	<b>GT</b>	<b>Nº Artigos</b>
34 <sup>a</sup>	08	0
35 <sup>a</sup>	08	0
36 <sup>a</sup>	08	0

37 <sup>a</sup>	08	0
38 <sup>a</sup>	08	0

Fonte: autoria própria, 2020.

A palavra chave “histórico-cultural, também norteou os resultados das pesquisas realizadas na plataforma da SciELO. A tabela abaixo indica os meios utilizados para a realização do dados obtidos.

Tabela V – Comandos para realização dos dados, na Scielo.

<b>Filtro:</b>	<b>Coleções:</b>	<b>Wos Áreas Temáticas:</b>
	Brasil	Educação

Fonte: autoria própria, 2020.

Conforme descrito, a partir dos comandos de filtragem foi possível percorrer os anos de (2016-2020). A tabela em seguida ilustra os resultados apurados na plataforma SciELO.

Tabela VI – Quantidade de artigos, na SciELO.

<b>Palavra-chave</b>	<b>Ano</b>	<b>Quantidade de Artigos</b>
Histórico-cultural	2016	1
“	2017	3
“	2018	1
“	2019	7
“	2020	2

Fonte: autoria própria, 2020.

É notório que houve grande alta, estatisticamente, na produção de artigos de 2016 a 2019. Porém conclui-se que, perante as pesquisas realizadas nas plataformas acadêmicas, é evidente que trabalhos acadêmicos como teses, dissertações, artigos científicos, monografias, entre outros de caráter acadêmico, são poucos, ao retratar na temática histórico cultural a perspectiva no educando. Com isso, fica claro que, o trabalho a ser desenvolvido é de suma relevância para o campo educacional acadêmico científico.

## **2.4 Textos selecionados para análise e discussão**

Após o estado da arte e pesquisa bibliográfica, realizamos a leitura e análise dos seguintes textos a fim de depreender o papel do aluno na perspectiva histórico-cultural: Uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação, Didática Geral, A Formação Social da Mente, Didática, Abordagem Histórico-Cultural Pesquisa Qualitativa, Um Diálogo entre Piaget, Vygotski e Wallon sobre as categorias de Desenvolvimento e Aprendizagem, Friedrich, Resposta de Piaget, Um Diálogo entre Piaget, Piaget Vygosty, Freire, e a construção do conhecimento na escola.

## 3 CAPÍTULO II

### 3.1 A perspectiva histórico-cultural

Neste capítulo, apresentaremos a biografia de Lev Semyonovich Vygotsky e as ideias principais dessa perspectiva sobre o desenvolvimento humano.

### 3.2 A perspectiva histórico-cultural

Lev Semyonovich Vygotsky, foi um psicólogo, proponente da Psicologia cultural histórica. Ele nasceu em novembro de 1896 na cidade de Orsha, pequena cidade perto de Minsk, capital da Bielo-Rússia, região dominada pelo império russo. Sua mãe se chamava Celia Moiseevna Vigodskaya e seu pai Simcha L. Vygotsky. Seus pais eram de uma família judaica culta, com ótimas condições, o que permitiu a Vygotsky oportunidades de uma formação sólida. Casou-se aos 28 anos, teve duas filhas e, aos, 37 anos, morreu de tuberculose.

Rego (1995) no livro “Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural”, traz algumas contribuições sobre a vida do autor. Rego diz que a educação do psicólogo até os 15 anos, processou-se totalmente em casa, por meio de tutores particulares. Desde cedo mostrou ser um adolescente dedicado e abundante de informações. Gostava de literatura e assuntos relacionados às áreas em geral. Frequentemente ia à biblioteca que tinha em sua casa e à biblioteca pública, estudava sozinho e com seus amigos. Deduz que sua precoce curiosidade por temas de diferentes campos do conhecimento tenha sido provocada, no início, pelo acesso que tinha, no seu contexto familiar a diversos tipos de informações.

Formou-se em Direito em 1918 na universidade de Moscou. Formado em direito voltou a Gomel. Em 1917, ano em que ocorreu a revolução Russa que apoiou, Vygotsky durante seu período acadêmico simultaneamente estudou literatura, estética e história da arte, na universidade de Shanyavskii. Neste mesmo período, fundou um laboratório de psicologia. Foi então que Vygotsky começou a crescer na área de Psicologia. O interessante é imaginar que ao mesmo tempo que cursava a universidade de Moscou, também participava na Universidade Popular de Shanyavskii, cursos de História e Filosofia (não recebeu, no entanto, nenhum título acadêmico por essas atividades), diz Rego (1995).

Vygotsky começou sua carreira aos 21 anos, após a Revolução Russa de 1917. De 1917 a 1923, o psicólogo dirigia também a seção de teatro do centro de educação de

adultos, além de dar muitas palestras sobre os problemas da literatura e da ciência acrescenta Rego (1995). De acordo com Leontiev (1991), Luria (1986, 1992), destaca que durante esse período Vygotsky fundou a revista literária Verask. Foi aí que publicou sua primeira pesquisa em literatura, mais tarde reeditada com o título de A Psicologia da Arte. Também criou um laboratório de psicologia no Instituto de Treinamento de Professores, onde dava um curso de psicologia, cujo conteúdo foi publicado mais tarde, na revista Psicologia Pedagógica.

Em 1924 trabalhou primeiro no Instituto de Psicologia em Moscou, e depois no Instituto de Estudos das Deficiências, desenvolvido por ele. Durante este período também dirigia um departamento de educação de crianças deficientes físicas e retardadas mentais, em Narcompros, além de dar cursos na Academia Krupskaya de Educação Comunista, na Segunda Universidade Estadual de Moscou (posteriormente chamada de Instituto Pedagógico Estadual de Moscou) e no Instituto Pedagógico Herten, em Leningrado, Leontiev (1991).

Nos anos de 1925 e 1934, o psicólogo formou um grande grupo de cientistas, que trabalhavam nas áreas da psicologia e no estudo das anormalidades físicas e mentais. No mesmo momento, o interesse pela medicina, levou Vygotsky a fazer o curso de medicina, primeiro no Instituto Médico, em Moscou. De acordo com Rego (1995), o crescente interesse em compreender o desenvolvimento psicológico do ser humano, e particularmente, as anormalidades físicas e mentais, foram os aspectos preliminares que influenciaram o autor a fazer cursos na Faculdade de Medicina, primeiramente em Moscou e depois em Kharkov.

Portanto seu longo percurso estudantil, é traçado pela interdisciplinaridade, por conta dos múltiplos assuntos e informações que obteve, desde artes, literatura, linguística, antropologia, cultura, ciências sociais, psicologia, filosofia e medicina.

Leontiev (1991) e Luria (1986), constata que Vygotsky foi convidado para dirigir o departamento de psicologia no Instituto Soviético de Medicina Experimental um pouco antes de sua morte. De 1924 até a sua morte, apesar da doença e das frequentes hospitalizações, Vygotsky demonstrou um ritmo de produção intelectual excepcional Leontiev (1991); Luria (1986, 1992). Ao longo desses anos, além de amadurecer seu programa de pesquisa, contribuiu lecionando, lendo, escrevendo e desenvolvendo importantes investigações. O projeto principal de seu trabalho consistia na tentativa de estudar os processos de transformações do desenvolvimento humano na sua dimensão filogenética, histórico-cultural e

ontogenética. Rego (1995) ainda argumenta que, apesar de não ter alcançado plenamente suas complexas metas, a obra de Vygotsky tem particular importância na medida em que ele foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa (Cole e Scriber, 1984, p.7). Um dos pontos centrais de sua teoria é que as funções psicológicas superiores são de origem sociocultural e emergem de processos psicológicos elementares, de origem biológica (estruturas orgânicas). Ou seja, segundo ele, a complexidade da estrutura humana deriva do processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre a história individual e social. Por fim, a trajetória de Vygotsky se encerrou em 1934 com 37 anos, morreu de tuberculose em 11 de junho de 1934, deixando para trás mais de 200 artigos científicos.

### **3.3 As ideias principais dessa perspectiva e o desenvolvimento humano**

De modo geral, a seguir elencamos as principais perspectivas do autor Vygotsky. A primeira diz respeito à ligação entre indivíduo/sociedade; na visão do psicólogo russo, o homem não nasce humano, ele torna-se humano; por tanto, irá se humanizar no decorrer de sua trajetória cronológica. Para Vygotsky, o sujeito nasce um ser biológico, que por meio das relações culturais se desenvolverá. Ou seja, este desenvolvimento acontece de fora para dentro, o homem se humaniza a partir de suas relações sociais. Rego (1995) afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo.

A segunda se refere à origem cultural das funções psíquicas. As funções psicológicas humanas se desenvolvem nas relações do indivíduo em seu contexto social e cultural. Martins (2004) destaca que é, a partir do contato com a cultura, com os costumes do meio em que a criança está inserida, ela irá se humanizar e desenvolver as funções psicológicas superiores. Portanto, para Rego (1995), o desenvolvimento humano não é imutável e universal, não é passivo, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana. A cultura é, portanto, parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações.



A terceira diz respeito à base biológica do funcionamento psicológico, “o cérebro”, reconhecido como um órgão primordial da atividade mental. (...) o cérebro pode servir a novas funções, criadas na história do homem, sem que sejam necessárias transformações no órgão físico” (Oliveira, 1993, p.24).

A quarta refere-se à mediação presente em toda atividade humana. Para Vygotsky, o indivíduo se desenvolvia não apenas pela sua maturação biológica, e sim pela interação com o meio, a partir desta interação envolve-se dois tipos de instrumentos, são eles, físicos e abstratos. Os instrumentos físicos são por exemplo, lápis, cadeira, enquadrados como objetos, já os abstratos são caracterizados como crenças, costumes e valores dos indivíduos:

“São instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, que fazem mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um signo mediador por experiência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana” (Rego, 1995, p.42)

Estudos contemporâneos foram realizados sobre as pesquisas de Vygotsky. Para Oliveira (1993), os estudos de Vygotsky se constituem em três pilares, o funcionamento psicológico na relação social homem/mundo, nas quais se desenvolvem no processo histórico imanente do indivíduo; as funções psicológicas que estão interligadas com um suporte biológico pois são caracterizados como produtos da atividade cerebral e a relação homem/sociedade nas quais são classificadas como funções simbólicas envolvendo, neste último pilar, as concepções de fala, imagem, linguagem e signo.

## **4 CAPÍTULO III**

### **4.1 A escola na perspectiva histórico-cultural**

Neste capítulo, apresentaremos os instrumentos psicológicos no desenvolvimento humano de acordo com a teoria, e o papel que a escola e o professor deve exercer perante o aluno.

### **4.2 Os instrumentos psicológicos no desenvolvimento humano**

Vygotsky acredita que a relação e as interferências do homem no mundo, se dão através de mediadores. A primeira mediação refere-se aos instrumentos e os signos, sendo representações mentais que substituem objetos do mundo real. Segundo ele, o desenvolvimento destes instrumentos se dá pelas interações, que levam ao aprendizado da criança. Para o autor, o instrumento é provocador de mudanças externas pois amplia a possibilidade de intervenção na natureza.

O instrumento é orientado externamente e visa à mudança nos objetos. Rego (1995) menciona, por exemplo, que o uso da flecha permite o alcance de um animal distante ou, para cortar uma árvore, a utilização de um objeto cortante é mais eficiente que as mãos. Ainda coloca que diferente de outras espécies como animais, os homens não só produzem seus instrumentos para a realização de tarefas específicas, como também são capazes de conservá-los para uso posterior, de preservar e transmitir sua função. Os instrumentos se classificam em tudo aquilo que se interpõe entre o homem e o ambiente, ampliando e modificando suas formas de ação, orientando externamente para a modificação do ambiente, são criados pelo homem para facilitarem a ação sobre a natureza. Portanto a utilização de instrumentos psicológicos é de suma importância; suas funções são de auxiliar o indivíduo em suas práticas psíquicas.

O signo é orientado internamente e visa ao controle do próprio indivíduo, ele é responsável por regular as ações sobre o psiquismo das pessoas. Tudo o que é utilizado pelo homem para representar, evocar ou tornar presente o que está ausente (palavras, desenhos, símbolos), classifica como signo. Por exemplo, o código de trânsito, representa que o vermelho é o signo que indica a necessidade de parar. Portanto, os signos são

instrumentos mentais para solucionar problemas psicológicos como lembrar, comparar, relatar, escolher etc. Rego (1995) menciona que, é, com o auxílio dos signos, que o homem pode controlar voluntariamente sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, memória e acúmulo de informações, como por exemplo, pode se utilizar de um sorteio para tomar decisão, amarrar um barbante no dedo para não esquecer um encontro, anotar um comportamento na agenda, etc.

Dentre as funções mediadoras, Vygotsky destaca a linguagem, caracterizada como um signo mediador, que carrega em si os conceitos generalizados, e elaborados pela cultura humana. A linguagem imprime três mudanças essenciais nos processos psíquicos da criança/homem. A primeira se relaciona ao fato de que ela permite lidar com os objetos do mundo exterior mesmo quando eles estão ausentes. O instrumento é orientado externamente e visa a mudança nos objetos.

Signos e palavras constituem para as crianças, acima de tudo, a forma de contato social com as outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças.

A linguagem, entendido para Vygotsky se caracteriza como a medição interlocutora entre os instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Com a fala, a criança pode tentar solucionar o problema através da formulação verbal. Vemos que, na tentativa de solucionar os conflitos encontrados, a criança elabora perguntas, ou solicita ajuda de outra pessoa. Portanto, a linguagem não só expressa o pensamento da criança como age de forma organizadora desse pensamento.

Vygotsky traz alguns aspectos na interação entre aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Por meio deste desenvolvimento, o autor classifica três tipos de níveis, sendo eles, o nível de desenvolvimento real, o desenvolvimento proximal e o nível de desenvolvimento potencial.

No primeiro, o nível de desenvolvimento real, refere-se ao nível de desenvolvimento que educando já atingiu, em sua ação perante os conflitos age com autonomia, conseguindo solucioná-los sem intervenção. Por tanto, este nível revela que o aluno consegue solucionar os problemas de forma independente, Vygotsky define a este nível as funções que já amadureceram. Vygotsky (1991), coloca que se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independente, isso significa que as funções para tal e tal coisa, amadureceram.

No segundo, o nível de desenvolvimento proximal, está entre o que a criança já amadureceu para o que ela ainda não amadureceu. Ela é a distância entre o desenvolvimento real, que se refere à determinação independente na solução de problemas,

e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1984, p.59).

No terceiro, nível de desenvolvimento potencial, destina-se ao nível de desenvolvimento prematuro, no qual Vygotsky define que as funções ainda não amadureceram, portanto estão em desenvolvimento, num processo de maturação. Rego (1995) afirma que o nível de desenvolvimento potencial traz uma compreensão de que, o processo da maturação da criança são funções que amadurecerão na adolescência, mas que estão presentes em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “broto” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1984, p.97)

### **4.3 O papel da escola e do professor**

Entender e compreender a concepção de aluno dentro da perspectiva histórico-cultural, levará o docente a tomar atitudes coerentes, tornando o processo de humanização como primário no desenvolvimento do aluno. A prática docente vai muito além da transmissão de conhecimentos; no desenvolvimento ensino e aprendizagem, o docente é o cooperador pelo sucesso ou insucesso de seus alunos.

Um dos pontos chaves na conduta do professor deve-se pautar na maneira como o professor vê o aluno e a forma como este aluno se comporta em sala de aula. Isso se torna muito mais significativo do que o conteúdo transmitido. Outro ponto que deve ser levado em conta é a maneira como o profissional da educação age na sala de aula, isso reflete nos resultados não intencionais da apreensão do aluno, é o que coloca Morales (2000, pag.15-16). Portanto o modo como o docente realiza a mediação e proporciona as experiências de aprendizagem, pode interferir na compreensão e abstração do educando.

Visto isso, é de suma importância que o docente esteja em constante aprimoramento de sua formação, buscando o melhoramento em sua prática pedagógicas. A Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação, LDBN nº 9394/96 (BRASIL, 1996) em seus Art. 61 e Art. 67 regulamentam os profissionais da educação e prevê como direito a formação continuada. O Ministério da Educação, através do Decreto nº 6.094/07 (BRASIL, 2007) - Plano de Metas Todos Pela Educação e do Plano Nacional de Educação – PNE - Lei nº 10.172/01 (BRASIL, 2001), estabelece o direito à formação continuada, a valorização profissional e condições adequadas de trabalho a todos os profissionais da educação, diz Nascimento (2014). A formação continuada nada mais é do que a continuação no aprimoramento da docência, uma vez que o profissional estiver em constante busca na área acadêmica, os conflitos e

seus olhares e mediações sobre situações de conflito, sempre serão diferenciados e eficaz. Ao se deparar com momentos que exijam conhecimento e postura, o professor que detém um olhar sob a perspectiva histórico-cultural produzirá uma ação significativa, tendo propriedade em suas pontuações.

Ramos e Franklin, (2010, p. 43) destacam que é essencial à formação docente o apelo ao desenvolvimento do espírito científico, e citam Júnior (1968), que afirma:

Tarefa de natureza complexa, essencialmente espiritual, a educação exige do professor uma cultura geral sólida e variada, haurida no convívio diuturno com a literatura e com a ciência. E isso tanto para aperfeiçoar-lhe a “técnica” como para fornecer-lhe matéria prima substancial e pura (ALMEIDA JUNIOR, 1968, prefácio, grifo do autor)

Refletindo sobre a concepção de aluno segundo teorias de Vygotsky, e estudos da neurociência, considerando as diferentes formas e estilos de aprendizagem, deduz-se que estes conhecimentos favoreçam a prática docente, ampliando sua visão sobre aluno ao compreender de modo geral em que o educando está envolvido. Para o professor entender o educando dentro da perspectiva histórico-cultural, comecemos por desvendar sua história, entender a complexidade do mundo que o cerca, uma vez que a criança está em constante maturação de seus conhecimentos no ambiente social em que vive. Leontiev (2004) destaca:

O desenvolvimento do homem é, portanto, um processo histórico e social, visto que “o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade” (Leontiev, 1978/2004, p. 279, grifos do autor).

Dito isso é importante que a instituição olhe para o educando em questão, como alguém em constante maturação e reprodução de seus conhecimentos no ambiente em que está inserido, conforme suas mudanças e translações de um ambiente social para outro, esta criança sofre mutações em seus comportamentos. Assim sendo, a perspectiva histórico-cultural vai trazer contribuições para uma visão de homem em sua subjetividade histórico cultural. Deste modo, não há coerência pensarmos na criança como um ser universalizado, mas em uma criança específica, em contexto específico de vida. Segundo SAVIANI, 2004, a essência humana não é como algo universal e desligado da existência, mas fundamentalmente, um produto das relações sociais de produção, uma essência construída com base em uma existência prática. Visto que, a essência humana parte das relações sociais, o aspecto crucial no qual o professor deverá pautar-se o olhar para o aluno, resume-se nas palavras de FACCI; AITA (2011): o homem constitui sua subjetividade

mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo, assim, suas funções psicológicas superiores, tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Esse é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e está assentado, também, na relação com outros homens. Entender que as funções psicológicas superiores como, raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento entre outras funções envolvem a subjetividade do aluno servirá para o docente ter um olhar crítico sobre como planejar, mediar, pontuar, aplicar atividades em sala de aula.

O papel da escola na vida dos alunos é considerado por Vygotsky de suma importância, uma vez que ela oferece conteúdos e desenvolve modalidades de pensamento bastante específicos, tem uma função diferenciada e insubstituível, a apropriação, sendo ela responsável por meio do sujeito da experiência cultural, o desenvolvimento dos indivíduos. Rego (1995), menciona que é, através do convívio no ambiente escolar, que a criança tem acesso aos conhecimentos formalmente organizados, neste contexto as crianças são desafiadas a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais. Dito isso, conclui-se que é por meio destes conhecimentos que o ser humano se transforma, aprende a ler, escrever, ter domínio de formas complexas de cálculos, construir significados a partir das informações descontextualizadas, ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos científico etc. Dentro deste cenário escolar, as crianças se socializam e passam a maior parte de seu tempo, Vale ressaltar que, crianças que sofrem com abandono, exclusão, fracasso e estão fora do ambiente escolar, podem ser comprometidas em seu nível de desenvolvimento. Rego (1995), descreve, o fato de o indivíduo não ter acesso à escola significa um impedimento da apropriação do saber sistematizado, da construção de funções psicológicas mais sofisticadas, de instrumentos de atuação e transformação de seu meio social e de condições para a construção de novos conhecimentos. Entretanto destaca Rego (1995):

“Todavia, é importante ressaltar que seria ingênuo supor que a frequência da criança à escola seja suficiente para que os processos mencionados acima ocorram. Sabemos que a presença na escola não é garantia de que o indivíduo se apropria do acervo de conhecimentos sobre áreas básicas daquilo que foi elaborado por seu grupo cultural. O acesso a esse saber dependerá, entre outros fatores de ordem social, política e econômica, da qualidade do ensino oferecido (REGO, 1995, p.58)

O desenvolvimento do aluno, não somente depende do acesso no ambiente escolar,

como outros fatores envolvidos. Um dos grandes gerenciador e mediador do desenvolvimento do indivíduo está ligado também à qualidade do ensino que lhe é oferecido, logo, tal função remete ao professor, nível econômicos de seu ciclo familiar, a estrutura social em que o ambiente escolar lhe oferece. Portanto, a qualidade do ensino no sentido pedagógico, condições econômicas e estrutura escolar também está associada ao sucesso ou fracasso dos avanços no desenvolvimento do aluno.

Nos conceitos de Vygotsky, vemos a importância do adulto na interação e mediação, uma vez que ele é considerado um agente maduro e experiente da relação. O papel do professor neste meio na qual o aluno está inserido, entretanto, exerce relevância, tanto na vida estudantil do aluno, quanto em sala de aula. Rego (1995), nos acrescenta, portanto, que se deve considerar também a importância da intervenção do professor (entendido como alguém mais experiente da cultura) e, finalmente as trocas efetivadas entre as crianças (que também contribuem para os desenvolvimentos individuais). O objetivo desse professor é mais amplo do que a mera repetição, sua intenção é ampliar o repertório de cada criança, permitir a troca de informações e experiências entre os colegas e também propiciar o contato das crianças com a arte produzida pelos homens ao longo de sua história. Rego menciona, a partir do exame das teses expressas por Vygotsky, que é importante que façamos algumas considerações acerca do papel do professor. Podemos dizer que, nessa abordagem, o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual. Mas, a função que ele desempenha no contexto escolar é de extrema relevância já que é o mediador e possibilitador das interações entre os alunos e das crianças com os objetos de conhecimento.

Uma vez que as instituições educacionais são meios nas quais as crianças tenham a oportunidade de terem a interação social, a escola se torna o elemento mais viável no aprimoramento do desenvolvimento da aprendizagem de inúmeros alunos, principalmente quando citamos aqueles no quadro de famílias precárias. Portanto, a escola acaba sendo o marco importante na vida desses alunos, porém as instituições escolares tem a função de proporcionar um ensino de qualidade, que promova a humanização, emancipação e conscientização dos indivíduos. Vygotsky afirma que o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, que se dirige às funções psicológicas que estão em vias de se completarem. Portanto fica evidente que para Vygotsky a função do professor no contexto escolar é de extrema relevância, já que ele é considerado o elemento mediador e possibilitador das interações dos conhecimentos e dos objetos perante os alunos.

Outro ponto a ser levado em consideração é o conhecer o aluno. Para o docente ter

um saber determinado sobre a criança, e poder elaborar estratégias pedagógicas, planejamentos de avanços dos desenvolvimentos, o professor precisa conhecer o nível efetivo dos alunos, entender suas descobertas, hipóteses, informações, crenças, opiniões, enfim, suas teorias acerca do mundo. Rego (1995) menciona que este é considerado o ponto de partida, visto que o docente precisa partir disso, estabelecer uma relação de diálogo com as crianças e criar situações em que elas possam expressar aquilo que sabem. Portanto, o contato que a criança tende a ter com as instituições escolares, sendo elas, creche, educação infantil, ensino fundamental, servirá de grande avanço para seus níveis de desenvolvimento. Conclui-se que é através destes meios educativos que o indivíduo por meio do convívio social, conhecimentos científicos, experiências motoras, etc., auxiliam na construção das funções psicológicas superiores.



## **5 CAPÍTULO IV**

### **5.1 O papel do aluno na perspectiva histórico-cultural**

Neste capítulo, abordaremos como Vygotsky concebe o aluno, em resposta as diferentes perspectivas existentes, à tradicional, à construtivista de Piaget, e à inatista.

### **5.2 O papel do aluno na perspectiva histórico-cultural**

Diferentemente das perspectivas tradicional, construtivista de Piaget e inatista, a visão de aluno perante a perspectiva histórico-cultural, está articulada com o meio social no qual o aluno está inserido. Pensarmos a concepção de aluno perante esta teoria, nos fará refletir sob qual prisma deve-se olhar para o educando. Uma vez que o meio social, é ponto crucial para entendermos como se dá o desenvolvimento da criança, pontua-se que as instituições escolas e a família do aluno, são os meios nos quais a criança se desenvolverá a partir de suas relações sociais com os envolvidos destes ambientes. Sendo assim, a cultura, manias, aprendizados, costumes, regras, normas, entre outras formas de ensinamentos, serão passadas para a criança a partir do meio no qual ela conviverá.

A concepção histórico-cultural, enxerga o aluno como um ser social interativo, visto que ele necessita de meios sociais para seu desenvolvimento. Como, as instituições escolares são um dos meios portadores da cultura, conhecimentos, aprendizagem, valores, assume então um papel importante na vida do indivíduo, transmissora de conhecimentos. No entanto, outro ambiente social crucial na vida do aluno é a família, sendo um dos ambientes que exercem mais influência na vida dele.

Por meio destes diferentes tipos de ambientes, o educando passa a ser um indivíduo único e diferenciado, pois através de suas relações com os meios, se constituirá como indivíduo, tendo consigo, um nível de desenvolvimento, tipos de costumes, crenças, aprendizagens, singulares.

Portanto entender o desenvolvimento, analisar as ações do aluno, que a escola e o professor passarão a acompanhar, dependerá muitas vezes do contato e relação que a escola\professor terão com a família, uma vez que este meio é o que exerce ênfase na vida da criança:

[...] “é na família que o indivíduo estabelece suas primeiras experiências de manifestações no mundo podemos destacar experiências afetivas, educacionais, conflituosas, relacionais, religiosas, etc. Ou seja, vias de regra, a família é o lugar onde o indivíduo começa a se desenvolver e moldar sua personalidade”. (Firme, p.34, 2015).

Na perspectiva tradicional, o aluno não é visto como um indivíduo único, mas um ser universal, homogêneo, mecânico e desenvolvido para um único fim, o mundo mercadológico. A visão de aluno nesta pedagogia tradicional é de alguém que, não tem capacidade de construir, sozinho, seu conhecimento, sendo o professor, o detentor de todo conhecimento. O aluno nesta concepção de mundo, equivale a um papel em branco, no qual se poderá preencher todo o conhecimento acumulado. Na medida em que se acredita que o mundo é algo dado, pronto, e que é necessário identificar um meio de ensino capaz de se transmitir este mundo ao outro, faz-se necessário supor, também que os homens são iguais em sua natureza. Esta concepção de igualdade leva à ideia de que é possível fazer com que todos aprendam utilizando um mesmo método. Vygotsky, vê esse ensino como verbalista, baseado na transmissão oral de conhecimentos por parte do professor, como as práticas espontaneístas, que abdicam de seu papel de desafiar e intervir no processo de apropriação de conhecimentos por parte das crianças e adolescentes. Desse modo esses modos de ensino, são, na perspectiva vygotkiana, além de infrutíferos, extremamente inadequados. Seus postulados apontam para a necessidade de criação de melhores condições na escola, para que todos os alunos tenham acesso às informações e experiências e possam efetivamente aprender (REGO, 1999).

Como já foi mencionado, a perspectiva tradicional traz um modelo de aluno padronizado, sendo ele um ser universal, homogêneo, desconsiderando suas características subjetivas. Dentro desta visão, o meio social, as formas de cultura, os diferentes tipos de desenvolvimento, costumes, aspecto econômico não fazem parte da construção intelectual do aluno, tampouco importam as características individuais de cada ser, a escola está preocupada em transmitir os conhecimentos já estabelecidos como verdades absolutas, não havendo uma preocupação em considerar as características próprias de cada idade e aluno. Em contrapartida, baseado nos estudos de Vygotsky, Rego (1999) afirma que a heterogeneidade, característica presente em qualquer grupo humano, passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contexto familiares, valores e níveis de conhecimentos de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visão de mundo, confrontos, ajuda mútua e conseqüente ampliação das capacidades individuais. A concepção de Vygotsky, privilegia a

interação social, vemos que o modo de como se aprendia reprimia o sujeito aluno, não havia diálogo, discussões sobre os assuntos expostos, compartilhamento de saberes, tanto do professor para o aluno, quanto do aluno para o professor. Não havia o desenvolvimento da autonomia do estudante, sendo ele responsável por captar as informações que lhe eram apresentadas, memorizando ou muitas vezes decorando sem ter sentido em sua visão. Vemos que neste tempo os erros cometidos recebem punição, há até certo tempo física. Ao contrário deste cenário, Rego (1999), destaca que, os postulados de Vygotsky parecem apontar para a necessidade de criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que os alunos possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que professores e alunos tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre o seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Uma escola em que o conhecimento já sistematizado não é tratado de forma dogmática e esvaziado de significado.

Em contraste com a visão de Vygotsky, temos o autor biólogo, Jean Piaget, que privilegia a maturação biológica do aluno. Piaget acredita que a aprendizagem se subordina ao desenvolvimento e tem pouco impacto sobre ele. Com isso, ele minimiza o papel da interação social. Gonçalves (2016), afirma que os conhecimentos são construídos espontaneamente pela criança de acordo com o estágio de desenvolvimento em que está se encontra. A visão particular e peculiar (egocêntrica) que as crianças mantêm sobre o mundo vai, progressivamente, aproximando-se da concepção dos adultos: torna-se socializada, objetiva. Vygotsky discorda de que a construção do conhecimento proceda do individual para o social. No ponto de vista do autor, o indivíduo ao nascer já está inserido num mundo social e, desde de seu nascimento, constrói uma perspectiva de mundo através da interação com adultos ou crianças mais experientes. Fica evidente que, para Piaget, o meio social muitas vezes não será necessário para que o desenvolvimento da criança ocorra, permite-se pensar que o indivíduo não necessita necessariamente frequentar ambientes sociais, uma vez que seu desenvolvimento está centrado a partir de seu contato com o objeto e estabelecido através de estágios. OLIVEIRA, (2018), argumenta, em contrapartida a concepção de Vygotsky, Jean Piaget não é um autor que necessariamente se preocupe com a escola, nem tampouco com a interação pedagógica do professor. Piaget, como já foi dito, coloca que a aprendizagem se dá através da interação do indivíduo com os outros objetos da realidade e que esta relação vai gerar o desenvolvimento dos esquemas mentais. Vygotsky destaca ainda o conceito de mediação no processo de aprendizagem das crianças realizado sempre por um adulto. A mediação de Vygotsky está relacionada a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, a criança precisa ser mediada por alguém, para que pouco a pouco

consiga resolver seus problemas de modo independente, chegando assim ao nível de desenvolvimento real, (NDR). Assim, a aprendizagem na vida estudantil do aluno pode ser encarada como um processo dinâmico, no qual a criança está em um papel ativo, em constante interação com o envolvimento com o grupo no qual está inserido. (FONSECA, 1995, p. 90). Piaget acredita que a aprendizagem se subordina ao desenvolvimento e tem pouco impacto sobre ele. Com isso, ele minimiza o papel da interação social. Vygotsky, ao contrário, postula que desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, de modo que, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento. (GONÇALVES, 2016).

Por outro lado, Piaget considera que o processo de aprendizagem fica explicitado na medida em que o indivíduo motivado por uma ação, gerada por uma necessidade seja ela fisiológica, afetiva ou intelectual, será levado a um certo tipo de conduta, que em especial no caso da função intelectual, será de encontrar uma explicação para a situação. Isso, evidentemente, só será possível mediante o estágio de desenvolvimento em que se encontra o indivíduo. Podemos entender que a aprendizagem se dá na medida em que existirem as condições maturacionais necessárias geradas pelo desenvolvimento para que a mesma ocorra. Piaget, diferentemente de Vygotsky, acredita que a aprendizagem seja um processo linear, no qual estima-se que os estágios de desenvolvimento são universais para cada indivíduo, deste modo, na concepção piagetiana há uma padronização de estágios necessários para que o aluno se desenvolva. Em resposta a esta abordagem do processo de aprendizagem linear piagetiana, Gonçalves (2016), aponta que os conceitos na perspectiva histórico-cultural, são construídos e internalizados de maneira não linear e diferente para cada pessoa. Toda abordagem é feita de maneira holística (ampla) e o cotidiano é sempre em movimento, em transformação. Não podemos limitar a criança em estágios pré estabelecidos de desenvolvimentos, uma vez que a educação hoje entende e privilegia o aluno, respeitando suas características individuais, sua maneira de aprender, seu ritmo, suas potencialidades. Enfim, uma prática voltada na aceitação do outro como ele é, e assim, proporcionar oportunidades de transformação, de desenvolvimento, de inserção e participação social.

Outra abordagem que desconsidera a necessidade de interação na vida da criança citada por Rego, é a abordagem inatista (também conhecida como apriorista ou nativista). Rego (1995) coloca, inspirada nas premissas da filosofia racionalista e idealista, que a abordagem se baseia na crença de que as capacidades básicas de cada ser humano (personalidade, potencial, valores, comportamentos, formas de pensar e de conhecer), são inatas, ou seja, já se encontram praticamente prontas no momento do nascimento ou - potencialmente determinadas e na dependência do amadurecimento para se manifestar.

Enfatiza assim os fatores maturacionais e hereditários como definidores da constituição do ser humano e do processo de conhecimento. Exclui, conseqüentemente, as interações sócio culturais na formação das estruturas comportamentais e cognitivas da criança. Nessa visão, o desenvolvimento é pré-requisito para o aprendizado e o desenvolvimento mental é visto de modo retrospectivo.

Portanto, para entender a visão de aluno na perspectiva histórico-cultural, é necessário primeiramente compreender a importância que o meio exerce na vida do aluno, visto que a heterogeneidade, característica presente em qualquer grupo humano, passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contexto familiares, valores e níveis de conhecimentos de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visão de mundo, confrontos, ajuda mútua e conseqüente ampliação das capacidades individuais. Fica claro que a perspectiva histórico-cultural pode contribuir significativamente na vida do aluno, uma vez que o docente consegue ter a percepção e um olhar sensível na promoção de sua maestria, tendo uma visão diferenciada do aluno, compreendendo que este aluno possa a ser um ser socialmente ativo, autônomo, crítico, independente, interativo, transmissor de conhecimentos. Nas palavras Coelho e Pisoni (2012), a teoria de Vygotsky parece ser revolucionária diante da nossa realidade, mas busca aquilo que o homem tem de melhor: sua criatividade, sua autonomia, sua condição de sujeito ativo e não de objeto a ser moldado. É um erro pensar a educação como algo deslocado da vida cotidiana. Para que ocorra uma educação de verdade, é necessário que esta seja transformadora no sentido de promover o respeito pela diferença, não homogeneizar padronizando a todos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo deste trabalho de investigar a concepção de aluno na perspectiva histórico-cultural, através de autores vygotskynianos, podemos concluir que mediante as respostas dos conceitos de Vygostky às outras perspectivas, uma visão de aluno como um ser social interativo, que necessita do meio social para se desenvolver, sendo um agente questionador, autônomo e subjetivo. Outro ponto a ser levado em conta é a aprendizagem do aluno, é necessário entender o processo psíquico no desenvolvimento do aluno, isso ocorre por meio de níveis de desenvolvimento. Vygotsky considera que o aluno passará por zonas de desenvolvimentos; o nível de desenvolvimento proximal, está entre o que a criança já amadureceu para o que ela ainda não amadureceu. Ela é a distância entre o desenvolvimento real, que se refere à determinação independente na solução de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1984, p.59).

Fica evidente que a escola é um lugar onde ocorrem a apropriação e a sistematização do conhecimento e onde a aprendizagem deve estar sempre presente, sendo um canal no qual o aluno se desenvolverá a partir de suas relações com os demais alunos, tendo contato com diferentes meios sociais, costumes, crenças, idéias, pensamentos, questionamentos, etc. Assim, a aprendizagem na vida estudantil do aluno pode ser encarada como um processo dinâmico, no qual a criança está em um papel ativo, em constante interação com o envolvimento com o grupo no qual está inserido. (FONSECA, 1995, p. 90).

Com essa pesquisa, foi possível entender a grande influência que o professor exerce na vida dos alunos. Ele é um dos meios para a promoção do desenvolvimento dos educandos, tendo um papel de grande relevância na intervenção, "nas zonas de desenvolvimento proximal", é o parceiro privilegiado na interação na escola, justamente porque tem maior experiência, informações e a incumbência, entre outras funções, de tornar acessível à criança o patrimônio cultural já formulado pelos homens e, portanto, desafiar através do ensino os processos de aprendizagem e desenvolvimento Infantil.

Perante o estado da arte realizado no início desta pesquisa de TCC, conclui-se que, as pesquisas realizadas nas plataformas acadêmicas, CAPES, ANPED e Scielo, evidenciaram que trabalhos como teses, dissertações, artigos científicos, monografias, entre outros de caráter acadêmico, são poucos, que retratam o educando na perspectiva histórico

cultural. Com isso, fica claro que, o trabalho desenvolvido é de suma relevância para o campo educacional acadêmico científico.

A pesquisa em questão foi desenvolvida para fins acadêmicos e é destinada a oferecer subsídios à educação, trazendo conscientização para os professores, com o objetivo de terem um olhar diferenciado sobre o aluno na perspectiva histórico-cultural, uma vez que hoje, a educação se torna um campo vasto de histórias, culturas, ritmos diferenciados, diversidade cultural. Dessa maneira, as reflexões desta pesquisa contribuem para os pedagogos e leitores, mostrando a importância do olhar para o educando, tornando o papel dos professores consciente e tendo assim maestria em suas práticas pedagógicas. Tendo atingido o objetivo de minha pesquisa, posso dizer que ao olhar para uma criança dentro de sala de aula, vejo um ser único, não padronizado, um ser cheio de ideias, aprendizagens, desenvolvimentos diferentes, e que isso tudo se dá através da interação que ela tem com o mundo social à sua volta. Levo para minha área profissional, que esta diversidade de pensamentos, costumes, valores dos alunos, é de suma importância para o crescimento, para a construção humana. Com isso fica claro que precisamos do outro para crescer, se desenvolver. Olhar para os alunos como únicos, é o início para compreendermos seus comportamentos, suas capacidades, raciocínio, seus desenvolvimentos, sua linguagem e por fim, suas singularidades. Por último encerro este trabalho com a frase de Vygotsky, “ninguém é só uma ilha. Para crescer, aprender construir conhecimento e se construir sozinho, o ser humano precisa dos outros”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na psicologia histórico-cultural. *Psicologia em revista*, Bello Horizonte V.17, p.32-47, abr.2011.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Lei Darcy Ribeiro nº 9.394/96. Brasília-1996.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-PED**, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012.

DE ANDRADE, Adja Ferreira; GIRAFFA, Lúcia MM; VICARI, Rosa Maria. Uma Aplicação da Teoria Sociointeracionista de Vygotsky para construção de um Modelo de Aluno. In: **Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE)**. 2003. p. 525-534.

FERREIRA, Vânia de Souza et al. Didática. Porto Alegre: SAGAH, 2018. Acervo digital. MALHEIROS, B. T. Didática Geral. Rio de Janeiro: LTC, 2019. Acervo digital.

GONÇALVES, Renata. Piaget e Vygotsky. Diferenças e Semelhanças, 2016. Disponível: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/psicologia/piaget-vygotsky--diferencas-semelhanças.htm>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

LEONTIEV, A. N. (2004). O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Centauro. (Trabalho original publicado em 1978).

LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aléxis N. Linguagem desenvolvimento e aprendizagem. (2010). Editora: LTDA.

MARIN, Georgete M. Antunes; NASCIMENTO, Luciana Monteiro. Refletindo a prática docente. VI I, ano 2014. Acesso: 04 de junho de 2020. Disponível: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_ufpr\\_ped\\_artigo\\_georgete\\_margarida\\_antunes.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_ped_artigo_georgete_margarida_antunes.pdf). Acesso em: 15 de setembro de 2020.

MORALES, Pedro. A relação professor-aluno: O que é, como se faz? São Paulo: Loyola, 2000.

Piaget e Vygotsky: Diferenças e Semelhanças. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/piaget-e-vygotsky-diferencas-e>



semelhanças. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

RAMOS, E. C. (org.). Fundamentos da educação: os diversos olhares do educador./Elisabeth Christmann Ramos e Karen Franklin (orgs.). Curitiba: Juruá, 2010. 34

REGO, Cristina Tereza. Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 1995. Editora Petrópolis.

SANTOS, Selma Pereira. Uma abordagem teórica sobre a importância do olhar sensível do professor sobre o aluno desleixo numa perspectiva de Educação Inclusiva. 2012 Acesso: 04/06/2020. Disponível: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10174/5/4.pdf>.

SAVIANI, Demerval. Sentido da pedagogia e o papel do pedagogo. São Paulo: In: Revista ANDE nº 9, 1985.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo - SP 1991.